

**SÉRGIO RODRIGUES DE SOUZA  
RENATA MÔNICA PACHECO NICHIO**

***"FUI AO CÉU E  
NÃO VI DEUS LÁ"***  
**A DECEPÇÃO PUERIL DO  
MAJOR YURI GAGÁRIN**

**SÉRGIO RODRIGUES DE SOUZA  
RENATA MÔNICA PACHECO NICHIO**

***"FUI AO CÉU E  
NÃO VI DEUS LÁ"***

**A DECEPÇÃO PUERIL DO  
MAJOR YURI GAGÁRIN**

**2023 – Editora Unigala**

[www.unigala.com.br](http://www.unigala.com.br)  
editoraunigala@gmail.com

**Autores**

Sérgio Rodrigues de Souza  
Renata Mônica Pacheco Nichio

**Editor Chefe:** Jader Luís da Silveira  
**Editoração e Arte:** Resiane Paula da Silveira  
**Imagens, Arte e Capa:** Freepik/Uniesmero  
**Revisão:** O Autor

**Conselho Editorial**

Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Ma. Jaciara Pinheiro de Souza, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Dra. Náyra de Oliveira Frederico Pinto, Universidade Federal do Ceará, UFC

Ma. Emile Ivana Fernandes Santos Costa, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Me. Rudvan Cicotti Alves de Jesus, Universidade Federal de Sergipe, UFS

Me. Heder Junior dos Santos, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP

Ma. Dayane Cristina Guarnieri, Universidade Estadual de Londrina, UEL

Me. Dirceu Manoel de Almeida Junior, Universidade de Brasília, UnB

Ma. Cinara Rejane Viana Oliveira, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Esp. Jader Luís da Silveira, Grupo MultiAtual Educacional

Esp. Resiane Paula da Silveira, Secretaria Municipal de Educação de Formiga, SMEF

Sr. Victor Matheus Marinho Dutra, Universidade do Estado do Pará, UEPA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S729f Souza, Sérgio Rodrigues de  
"Fui ao Céu e não vi Deus lá": A Decepção Pueril do Major Yuri Gagárin / Sérgio Rodrigues de Souza; Renata Mônica Pacheco Nichio. – Formiga (MG): Editora Unigala, 2023. 45 p. : il.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-85101-05-9

DOI: 10.5281/zenodo.7633863

1. Yuri Gagárin. 2. Deus. 3. Ciência. 4. Religião. I. Nichio, Renata Mônica Pacheco. II. Título.

CDD: 211

CDU: 23

*Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.*

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora Unigala

CNPJ: 35.335.163/0001-00

Telefone: +55 (37) 99855-6001

[www.unigala.com.br](http://www.unigala.com.br)

[editoraunigala@gmail.com](mailto:editoraunigala@gmail.com)

Formiga - MG

Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:  
<https://www.unigala.com.br/>



**“FUI AO CÉU E NÃO VI DEUS LÁ”  
A DECEPÇÃO PUERIL DO MAJOR  
YURI GAGÁRIN**

**Sérgio Rodrigues de Souza  
Renata Mônica Pacheco Nichio**

“Na natureza, não há nada tão ignóbil e insignificante que, com um pequeno sopro daquela força do conhecimento, não inflasse, de súbito, como um saco” (Nietzsche, 1844-1900).

## INTRODUÇÃO

Figuras que se tornam lendárias por causa dos seus feitos extraordinários e, por extensão disto, terminam sendo transformadas em criaturas míticas, por terem realizado uma ação que era, até ele aparecer e executá-la, somente produto da imaginação social, vêm-se obrigadas a carregar fardos bastante pesados, especialmente se elas estiverem vinculadas, por princípios ideológicos, a um regime que é considerado diabólico, satânico e que rivaliza com outro que esconde-se por detrás de uma aura de pureza, castidade e santidade e que, para inflamar a vaidade e o ego de quem ataca e de quem recebe o ataque, recebe como sentença um desafio que soa muito mais como uma ameaça direta.

A *Guerra Fria*<sup>1</sup> produziu todo tipo de ilusão em torno do combate ao comunismo, de um lado, liderado pelos USA e, de combate ao imperialismo capitalista, de outro lado, liderado pela URSS. Em meio a esta panacéia ideológica, surgiram, da mesma forma que foram criados, inúmeros heróis que, com o apoio de toda a máquina de propaganda soviética, de maneira especial, transformaram-se em lendas vivas.

---

<sup>1</sup> Com o fim da Segunda Guerra Mundial (1945), apenas Estados Unidos e União Soviética se encontravam em boas condições econômicas, militares e tecnológicas. Esse fato fez com que essas duas nações ficassem conhecidas como superpotências, sobretudo em razão do desenvolvimento de tecnologia para a fabricação de armas nucleares. É chamada *fria* porque não houve uma guerra direta entre as duas superpotências (Ex-URSS e USA), dada a inviabilidade da vitória em uma batalha nuclear. A corrida armamentista pela construção de um grande arsenal de armas nucleares foi o objetivo central durante a primeira metade da Guerra Fria, estabilizando-se na década de 1960 até à década de 1970 e sendo reativada nos anos 1980 com o projeto do presidente dos Estados Unidos Ronald Reagan chamado de *Guerra nas Estrelas*. Dada a impossibilidade da resolução do confronto no plano estratégico, pela via tradicional da guerra aberta e direta que envolveria um confronto nuclear; as duas superpotências passaram a disputar poder de influência política, econômica e ideológica em todo o mundo (COLÉGIO PEDRO II, 2022).

Yuri Alekseievitch Gagárin (1934-1968) é um destes raros seres humanos, condenado à imortalidade, por ser o primeiro homem [e não o primeiro ser biológico] a ver a Terra a partir do espaço sideral.

Quando depois de uma trajetória e uma carreira brilhante nas Forças Armadas da [Ex-] União Soviética, foi escolhido para tripular a nave Vostok - 1, que tinha a ousada intenção de orbitar a atmosfera da Terra. Uma de suas frases célebres e que entrou para a história foi: “A Terra é azul”, fato que passaria pela comprovação e pela refutação anos mais tarde, quando da conclusão do *Projeto Apolo*, criado e levado a efeito pelos Estados Unidos da América, este que levaria uma tripulação americana à Lua. Outra frase que impacta o Ocidente desde que foi proferida é a que se atribui a ele, em que teria dito: “Fui ao céu, olhei para todos os lados e não vi Deus!”

De todas as formas que procuramos analisar esta frase de Gagárin, ela não parece soar vindo da boca dele próprio; parecendo-nos mais uma construção bem montada e dita por alguém em conflito e que aproveitou-se do feito, inigualável à época, para criticar o Ocidente Cristão. Porque, partir da ideia de que o Major fosse ateu é muito provável que sim e, caso não fosse, dificilmente conseguiria mentir para seus superiores russos por tanto tempo, sendo desde tenra idade formado e treinado em colégios militares de alta excelência, sob extrema tensão e pressão de formação quanto ao caráter e estado psicológico.

O que conflita com a postura de Gagárin é o fato de que a forma como foi expressa esta frase, poderia esconder um desejo soviético de descobrir se realmente Deus estava lá nos céus, habitando para além da atmosfera terrestre. Não se pode duvidar disto, porque o máximo que os russos fizeram [e que não se pode menosprezar todos os avanços



*pioneiríssimos que descobriram, criaram e inovaram neste campo]* foi orbitar a Terra, com tripulação humana. Logo, se esta era a principal motivação da missão da nave espacial Vostok - 1, que levou o Major Yuri Gagárin, aos céus, a sua fala é nada mais que o reportamento da conclusão de uma missão aos seus superiores imediatos, o que isenta o astronauta de qualquer juízo de valor moral sobre suas crenças particulares e de sua fé, não podendo atribuir a esta fala qualquer valor que seja que possa determinar quem era o Major Gagárin quanto ao seu estado de crença individual.

Cada vez que se busca compreender o sentido semântico da frase, utilizando todas as ferramentas de análise do discurso que se mostram à disposição, não se tem uma diretriz que possa auferir, com seguridade, um sentido epistemológico para a mesma, porque deixa livre a impressão de que haveria de ser alguém materialista ao extremo para crer em algo assim, deixando entender que a frase partiu de um cientista muito dedicado à investigação empírica, disposto a aplicar sobre um referido pensamento, toda a potência do princípio conhecido de verificabilidade e de refutabilidade. Não se está a discutir com alguém que aceita o discurso como resposta a algum questionamento épico.

O Coronel Valentin Petrov afirmou, em 2006, durante uma entrevista, que o cosmonauta nunca havia dito tais palavras, e que a citação se originou do discurso do presidente russo Nikita Khrushchev (1894-1971) no plenário do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, na tentativa de inflamar a campanha anti-religião do Estado. O então presidente da [Ex-] URSS argumentou contra seus companheiros, por qual motivo eles criam na existência de Deus, uma vez que o Major Gagárin havia ido ao céu e havia olhado para todos os lados e não havia visto Deus lá,

isto durante um discurso acalorado perante o Comitê Central do Partido Comunista Soviético em que se discutia a questão da propaganda anti-religiosa.<sup>2</sup>

Posto assim, não se torna muito difícil compreender o sentido que ela carrega e a decisão do Comitê Político Comunista em atribuir ao único homem que, até aquele momento na história, havia desbravado o espaço cósmico, feito que viria a ser igualado, em 1963, por uma mulher, Valentina Vladimirovna Tereshkova. Mas, isto não importa, porque o interesse do Politburo, à época, era mostrar sua força inigualável e insuperável, não importando que táticas e estratégias fossem necessárias e aplicadas para sua plena realização. Pela história afora, o respeitado cosmonauta teve que arcar com o peso de juízos de valor sobre algo não dito por ele, não interessando que tenha pensado ou mesmo que tenha respondido o que quer que seja aos seus superiores imediatos quando interrogado acerca da questão, em particular.

Com caráter de estudo semântico, o que se pretende apresentar aqui é uma análise hermenêutica da dita frase, em que tomando como ponto de vista analítico linguístico, não se sustenta como sendo de autoria do Major Russo Yuri Gagarin, como já se discutiu brevemente neste preâmbulo. Mas, sob o aspecto da interpretação humana, desde os seres humanos mais primitivos até o cientista mais brilhante, esta sempre foi uma questão que desafia a todos, passando pela construção totêmica ancestral, em que o Deus adorado não pode ser encontrado, jamais visto e aqueles que se depararam com ele, ainda que de maneira acidental, foram arrebatados para o infinito. Até mesmo no folclore brasileiro

---

<sup>2</sup> Há uma referência a esta entrevista no livro *Falando bem*: Toque pessoas com suas palavras, de Charles R. Swindoll, publicado, originalmente, em inglês, no ano de 2012, pela FaithWords Hachette Book Grup, Nova York, EUA e uma edição em português, pela CPAD, de 2017.

existe uma lenda indígena que narra, de maneira próxima, esta situação. A lenda da *vitória-régia* é sobre uma índia que desejava encontrar o Cavaleiro da Lua e mergulha nas águas do Rio Amazonas, em busca do mesmo e assim desaparece, possivelmente, tendo-o encontrado.

Na mitologia grega, Hera, enciumada de Sêmele, mortal que estava grávida de Dioniso, filho de sua união com Zeus, a convence a pedir que o Pai dos Deuses se manifeste em sua forma original e uma vez atendido o inusitado pedido, ela é pulverizada pelo brilho intenso do pai dos Deuses. Assim, a ânsia de ver a Deus manifesto é um sentimento que domina o ser humano desde sua mais tenra infância existencial no Planeta.

O que se traz, neste trabalho é a possibilidade de se pensar a existência do Sagrado a partir da fé e que o materialismo tentou, utilizando todas as táticas existentes e que a criatividade pode processar à luz da razão e da imaginação, provar em contrário. Não crer na existência de Deus é um direito de qualquer um, não implicando em ato de ausência de ética, dado que ao ser humano é permitido o livre exercício de sua fé. O problema torna-se interessante e se transforma em objeto de estudo sistemático quando surge o conflito e este atua traíndo a [*suposta presença de*] fé individual ou ainda a [*suposta*] ausência dela, no rol da existência humana.

Trabalhando sobre fins, puramente didáticos, sob o aspecto psicanalítico, os autores do presente texto utiliza a frase expressa como sendo de autoria do Major Gagárin. Que o leitor faça-se ciente de que este é um estudo científico de elevado nível e não uma mera conjuntura de ideias, disfarçando proselitismos de qualquer natureza. Os autores expressam, de maneira clara, todo o respeito ao

Cosmonauta russo por seu ato de vanguarda, na exploração aeroespacial.

## UM ESTUDO SEMÂNTICO

Quando o astronauta russo Major Yuri Gagárin (*Iuri Alekseievitch Gagárin [1934-1968]*) soltou a frase: “Fui ao céu e não vi Deus”, em abril de 1961, logo após o seu regresso de uma viagem à órbita da Terra, o mesmo foi chacoalhado pela opinião pública, taxando-o, se medidas, de ateu inveterado e, até os dias atuais, alguns espécimes desprovidos de qualquer senso crítico e de conhecimento erudito tendem a julgá-lo e a condená-lo por esta frase, descontextualizando, totalmente, a sua expressão. Aliás, ninguém sabe em que contexto ela foi dita e se foi mesmo expressada pelo Major. E, o pior disto tudo é que [*quase*] ninguém se detém a tentar analisar a situação, a fim de aproximar-se de uma dedução sobre o sentido empírico da mesma.

Porém, a sua frase, quando analisada sob o estigma de ser o primeiro homem na história da humanidade a ascender ao espaço cósmico, expressa [*muito*] mais uma condição de desabafo pessoal frente a uma decepção sem precedentes, semelhante ao desabafo de uma criança que aguarda ansiosa pela chegada do pai e quando o trem para na estação e todos descem ela olha para a mãe e diz com um olhar misto de tristeza, decepção e interrogação [*acerca do*] porque ‘*papai não veio!?*’. A frase original é: “*Olhei para todos os lados, mas não vi Deus!*”

Mesmo que a frase proviesse de um [*suposto*] ateu convicto, o que pela sua dimensão não condiz, porque um ateu que esteja convicto de sua fé na negação da existência da essência divina daria outra resposta, muito diferente, a

quem o interrogasse, a menos que o interrogante fosse um oficial de patente superior à sua, a quem devesse a obrigação de ser claro e objetivo em sua resposta. De outra forma, esta resposta que parece ser tão bem formulada foi criada em meio a uma situação contextual de perguntas e respostas seguidas, onde o conjunto textual resultasse na mesma.

Mas, o estrídulo desta frase é muito maior e mais potente que ela em si e todo o seu significado para a crença materialista, fazendo muito mais eco entre aqueles que se autodenominam cristãos devotos e que aprenderam a ter fé pela tradição e não por um processo de formação doutrinal e disciplinar. Em contraste, não se viu nenhum membro de grupos ateus fazerem uso da mesma a fim de fortalecer suas teses de que Deus não exista.

Começemos do início: alguém que, de fato, não creia na existência de Deus, não cria teses para argumentar com aqueles que acreditam [*ou que supõe acreditar na Essência Divina*], porque esta convicção individual não possibilita a existência de qualquer tipo de conflito interno; logo, não há o que gerar e manter qualquer tipo de conflito externo; ou seja, é mais fácil encontrar dúvidas sobre a real existência de Deus entre aqueles que creem e o que pode parecer um terrível paradoxo é nada mais que uma condição humana, em que a crença gera necessidades de inúmeros outros tipos de elementos complementares de reforço, como a fé, por exemplo, a paciência, o esforço e a perseverança, atributos que não fazem parte do ser humano até que se tenha sido devidamente disciplinado e doutrinado para tanto.

Na sequência disto, há que considerar o fato de que, à medida que se aprofunda na compreensão da *Episteme* e da *phrónesis*, toda a capacidade de interpretação da *Physis* que vai sendo angariada transforma o ser humano e, caso

não tenha o devido preparo metafísico, começa a pensar que pode dar respostas a tudo o que o cerca e, em pouco tempo, se crê o dominador absoluto do universo que o cerca e do que pode enxergar, até que começa a tomar como seu, tudo aquilo que pode imaginar, ignorando que tudo, em sua forma bruta, já estava dado, não sendo ele capaz de criar nada; apenas cabia-lhe aplicar o seu intelecto sobre os bens materiais e transformá-los em coisas úteis e necessárias a si, porque traduziu sua incapacidade de viver de acordo com as leis e os bens da natureza como insatisfação, o que não é nada mais que a expressão de um eufemismo que esconde sua incapacidade de adaptar-se à Natureza. Assim, distorce-a até que ela se adapte ao que se é e quando consegue tal feito, interpreta o seu feito como competência, quando na verdade esta é a expressão soberana de toda sua incompetência ante o natural, ante a *Physis*.

Um cientista, formado nos moldes mais clássicos da Ciência Erudita, jamais fará uma afirmação que prejudique a crença de seus adversários, porque para este ser, o conflito não está posto no sentido de vencer os seus *supostos* inimigos imaginários e sim, todo o conjunto de parâmetros atravessados trata-se de uma contemplação da busca pela verdade científica que, no máximo, aproxima-o, cada vez mais, de uma compreensão mais ampla e mais profunda dos fenômenos que ocorrem na natureza. Sabedor que é, de que uma descoberta científica, por mais inovadora que se mostre e ainda que se prove ser, apenas demonstra que aquilo que se acreditava antes dela era verdadeiro ou falso; mas, não prova que ela mesma seja verdadeira. Com sua apresentação, nada mais faz que proporcionar a abertura de espaço para novas discussões acadêmicas e científicas, agora em novas vertentes e Gagárin, sendo um técnico

formado nos moldes clássicos soviéticos ortodoxos, tinha plena consciência desta dimensão empírica das ciências.

Ademais, era um momento da Guerra Fria em que interessava à comunidade científica a descoberta do espaço e a exploração do mesmo e a existência ou a inexistência de Deus não fazia a menor diferença, porque o homem dava passos muito importantes em direções que, poucos anos antes, julgava-se impossível, porque não fora dotado pela natureza ou por seu Criador de capacidades específicas que o permitisse ir além do mundo a que estava condicionado a viver e a conhecer, por intermédio da experiência empírica. Tudo, para além disto, somente seria possível conhecer pela experiência da imaginação e, de repente, este campo se solidifica, a partir do desenvolvimento da engenharia e o homem pode participar de oportunidades de experiências nunca antes pensadas, na história da humanidade.

Não se estava sendo transformado em Deus com isto, ou mesmo como afirmaria Nietzsche, matando-o, a fim de que pudesse ir além de seus limites, porque ao admitir tal coisa, revela um comportamento adolescente delinquencial, como se estivesse a afirmar a teoria de Fiódor Dostoiévski, de que se Deus não existe, então tudo se torna permitido.<sup>3</sup>

Poucos compreendem que este pensamento é como aquilo que se costuma afirmar como a capacidade de sentir saudade daquilo que jamais tenha vivido, a não ser em uma condição filogenética e nem mesmo em uma condição ontogenética, a não ser por aqueles pensamentos bizarros que extrapolam um nível de razão que não se possui, como é o caso de representação psicológica da infância e de seus desdobramentos personológicos.

---

<sup>3</sup> Esta é uma passagem muito complexa e de difícil compreensão presente no livro de DOSTOIEVSKI, Feódor Mikhailóvitch. *Os Irmãos Karamázovi*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio editora, 1955 (3 vol.), p. 1118-1119.

Preconizar a existência de um mundo sem a plena presença de Deus é voltar ao estado da barbárie, ao tempo que T. Hobbes classifica como o *Estado de Natureza*, em que tudo era permitido a todos, não havendo limites para a satisfação dos desejos e, neste espaço descrito pelo pensador inglês, houve necessidade de que fosse criado um ordenamento que se colocasse acima de todos os homens, a fim de que a paz pudesse existir, entendendo esta como um equilíbrio, completamente, *instável* entre o princípio do prazer e o princípio da realidade.

E, de repente, tem-se uma constatação de que Deus não estaria nas alturas, ou seja, se não estava lá em cima, sobre as nuvens; em que local poderia estar? Esta é a questão que foi posta, porque se a expectativa com esta afirmação era a de que destruiria todo um conjunto de crenças em um ente superior, quem a proferiu apenas demonstrou o mais absurdo desconhecimento sobre a psique humana, especialmente, se esta for a mente de um cientista do quilate de Gagárin.

Um cientista não procura por aquilo que não crê existir, dedicando todo o seu tempo a conhecer os ditames dos fenômenos e os seus próprios dentro de um estreito interstício entre o que está explicado e o que não está, ainda, explicado, levantando hipóteses que permitam uma aproximação cada vez maior com a verdade e que possa explicar a ocorrência dos acontecimentos, de maneira mais profunda ou mais superficial e a cada descoberta, isto não elimina a possibilidade de que existam outras respostas, apenas que ele mesmo não as encontrou em suas buscas.

O problema do sistema soviético é que tentou a todo custo eliminar qualquer crença em qualquer outro elemento que não fosse o Partido Comunista Soviético, enquanto



tentava fazer crer que Deus habitava o Politburo<sup>4</sup> e de lá descarregava toda a sua bÍlis sobre o povo russo; porém, em sua visão, estava a oferecer ao povo, uma condio de vida para além do que sequer podiam sonhar, em termos de perfeio e igualdade, porque falar em equanimidade era um ultraje a um sistema [tão] perfeito.

Este foi o erro mais brutal que a Revoluo Soviética conseguiu cometer, crendo que se pode eliminar do ser humano toda uma história de vida que perpassa pela estrutura filogenética, *i.e.*, não depende do indivíduo, é algo intrínseco  espécie a que pertence, onde o Pai não pode ser substituído por um sistema abstrato. E, na contra defesa disto, se alguém ousar dizer que Deus  abstrato, pode até que seja, mas a f que se deposita em sua pessoa não o  e mesmo que alguém diga que não existe, porque não pode ser visto, isto não importa, porque aquilo que se busca é a esperança em dias melhores, em um amanhã melhor e ainda que este demore a apresentar-se, o ser humano continua a sustentar-se por esta f, porque pela mesma estrutura que guia a espécie, há uma outra que conduz o indivíduo, a ontogenética, em que o próprio ser repete, na vida adulta, tudo aquilo que experienciou na sua infância, como se houvesse duas existências distintas em si mesmo.

O *stablishment soviet*, ousou desconsiderar tudo isto, crendo que poderia tornar-se um objeto único na vida dos cidadãos russos, eliminando todo tipo de vínculo afetivo com a existência que não fosse aquela oferecida pelo Estado. Fracassaram a tal ponto que um ex-seminarista é quem vai ser o ditador mais satânico da história da Ex-URSS, o que revela que, a despeito de toda a caça às bruxas levada a efeito contra todas as religiões, a fé em um ente Superior permanecia viva na populao e mesmo que Yosef Stálin,

---

<sup>4</sup> Comitê central do partido comunista da antiga U.R.S.S.

tivesse suas críticas à religião, jamais ousou atentar contra a fé, colocando a existência de Deus em xeque; apenas utilizou muito bem o que aprendeu em seus dias de vivência como seminarista, a favor da construção de um tipo de governo onde todos [*sem qualquer mínima distinção*] viviam, constantemente, sob uma Espada de Dâmocles.

“Fui ao céu e não vi Deus!” Esta expressão que, maldosamente, transformaram em uma frase repetida à exaustão como sendo de cunho ateuista, pode muito bem ser interpretada mais como uma forma de expressar toda uma vida em busca deste momento, não no fato de tornar-se o primeiro homem a explorar o espaço sideral, mas a ver Deus pessoalmente. Isto não acontecendo, perdeu-se em um devaneio como se estivesse a perguntar: “Onde está Deus? Para onde foi? Será que fugiu de mim? Por que não consigo vê-lo?” “Eu quero vê-lo! Eu vim aqui somente para isto: para vê-lo!”

A ânsia de encontrar-se com o sagrado, de maneira mais contundente quando não se tem uma ligação muito forte com o *Pai* é uma questão fenomenológica presente no ser humano e se torna mais poderosa nos sistemas da Cortina de Ferro, onde os indivíduos são oprimidos por uma ideologia estatal poderosa de paternalidade obscurecida e isto esmaga a relação humana vertical entre pais e filhos biológicos; porque, uma vez que o Grande Pai (O Estado) e não o Grande Irmão, como George Orwell (1903-1950) fantasiou é quem ocupa este espaço filogenético, o pai biológico se transforma no pequeno pai e a relação com os filhos se torna algo horizontalizado. Eis a situação-problema que a psique humana não consegue dar conta de resolver e o passo seguinte, como consequência do conflito advindo desta relação artificial imposta e que deve ser mantida sob rigoroso sigilo, é a insanidade e a delinquência, resultando

em sérios conflitos de ordem espiritual, criando, em tempo, não muito longo, toda uma sociedade adoecida e em busca de um ente superior que a conforte, espiritualmente.

A expressão utilizada, se realmente proferida pelo Chefe de Estado Russo, somente demonstra o imenso trabalho fracassado que o Regime *Sovietí* teve para eliminar do imaginário popular a ideia de Deus. Mas, encontra-se nos escritos de Nietzsche uma afirmação muito forte e que serve como explicação para este tipo muito comum de conflito existencial que transformou-se pela história afora como um embate emblemático, proveniente de parte dos comunistas soviéticos. Trata-se do aforismo 289, presente na obra *Para Além do Bem e do Mal*, onde diz que, todo homem que se aventura a expressar um pensamento filosófico sabe que, “atrás de sua caverna se esconde uma outra caverna ainda mais funda - um mundo mais vasto mais estranho, mais rico que à superfície, uma profundidade atrás de cada fundo, sob todo *fundamento*. Toda filosofia é uma filosofia da superfície. [...] Toda filosofia esconde uma outra filosofia; toda opinião é um esconderijo, toda palavra uma nova máscara.”<sup>5</sup>

Desde Lênin que a União Soviética tentou eliminar a ideia de um ente superior a ela, porque o projeto de poder que foi imaginado pelo poderoso Partido Bolchevique, era o de tomar toda a nação e todo o espírito individual para si, como objeto de controle absoluto e, quando se vê sem condições de conseguir isto, apela para todos os tipos de figuras de linguagem e de pensamento conhecidos à sua disposição, perseguindo religiosos e todo e qualquer tipo de indivíduos que ousassem enfrentar o Regime e seu modo de pensar abstrato.

---

<sup>5</sup> NIETZSCHE, F. *Para além do bem e do mal*. São Paulo: Escala, 2006, p. 220. [Aforismo 289].

A coisa fica um tanto preta quando o *Stablishment* aceita como Chefe de Estado, um religioso, um coroinha, candidato a Padre, que veio a ser batizado como o *Homem de Ferro*. Duas coisas estão implícitas aí e a primeira é que se o Regime assim o fez é porque a ideia da eliminação de Deus do imaginário humano dos soviéticos não era uma coisa já sentenciada e dada como realidade e isto provocou diversas confusões dentro do pensamento estrutural do Politburo, o que levou Stálin a tornar-se um dos maiores carrascos da história da humanidade, criando um sistema de governo que não apenas despertou o terror nos russos, como provocou o horror pela história afora, durante seu próprio governo e depois dele e, para desgraça do regime, Comunismo passou a ser confundido com Stalinismo. A situação a que chegou Stálin não é difícil de compreender, porque sendo educado no regime doutrinal cristão, em que se preconiza a vida, a fé, a obediência a Deus-Pai e, de repente, esta criança que precisava provar aos seus pares que tinha o *Regime* acima de tudo, necessita criar um sistema monstruoso de perseguição e extermínio em massa, mesmo dos seus companheiros, apenas para provar que não havia sido convertido pela fé cristã-religiosa.

Havia mais, ninguém confiava que Stálin havia se convertido ao Comunismo, exatamente por causa de sua formação religiosa; portanto, o desafio estava posto e sabia, muito bem, que aguardavam um pequeno deslize seu para confrontá-lo e desmoralizá-lo diante da *Doutrina Soviética Marxista-Leninista*. Muitos odiaram Stálin por sua arrogância e prepotência; no entanto, ele, em sua loucura desvairada de apagar toda a fé em Deus de sua vida e do imaginário popular, fez com que o povo adorasse-lhe e não à Mãe-Rússia ou ao Partido Comunista, em substituição a Deus.

Pensando na frase icônica e histórica que puseram na boca do Major Gagárin, como sendo proferida pelo Presidente Nikita Serguêievitch Khrushchov, demonstra a continuação do seu desprezo pelo seu antecessor, neste quesito da existência de Deus, porque Stálin poderia desejar sobrepor-se a Ele, mas jamais negaria a sua existência, mesmo diante dos seus adversários dentro do Partido Político Comunista; no máximo, viveu evitando tocar no assunto quando este surgia nas intensas discussões inúteis do Comitê.

Tudo o que se percebe é que a frase possui um caráter infantilóide, em que se tenta provar à força, que se estava certo sobre algo que vinha provocando embates acalorados, já há muito tempo. Lamentavelmente, o nível de compreensão daqueles que vieram depois é deplorável e não se preocuparam em estudar a fundo o conteúdo da mensagem, buscando sintetizar, o que de fato está nas entrelinhas do pensamento expresso. E de outro lado, há os velhacos que, apenas sabem fazer isto, não se prestando ao trabalho de aprofundar no sentido esclarecer que variáveis estão implícitas por sob a expressão e que elementos traz para que se possa, pelo menos, entender o que se passa na cabeça de um sistema que lutou, por toda sua existência contra a ideia da existência de um ente que era superior a si. Parece mais uma birra de um filho que não conseguiu superar um pai despótico em sua infância e adolescência e que, cresceu e continuou infantilizado, em seus aspectos intelectuais.

Ao declarar tal frase, o Líder Soviético ridiculariza a missão astronáutica russa, imaginando estar provando a todos que os ideólogos do Partido Comunista Soviético estavam corretos quanto a um detalhe insignificante do ponto de vista da construção da soberania nacional; o que

fica patente que estava mais no centro da vaidade e do orgulho do que mesmo de gerir um sistema tão amplo e complexo quanto o era a nação soviética.

Quando Freud cria a Psicanálise, a União Soviética foi a primeira nação do mundo a traduzir os escritos do Mestre de Viena para uma língua estrangeira, imaginando que, com a descoberta do inconsciente estava aberta uma porta para o domínio do ser humano, através de seu próprio sistema psicológico do qual não detinha controle. Bastaria, assim, que o *Stablishment* controlasse este paraíso psíquico inexplorado que, *voilà*, teriam a soberania sobre todos os homens e mulheres que seguiriam todos os mandamentos e ordenamentos sem nem, ao menos e nunca, vir a pensar a respeito. Assim, os russos conseguiriam eliminar do ser humano, a doença que Nietzsche atribui à espécie como sendo a pior de todas, a *má consciência*, a *culpa*.

O orgulho paranóico é um problema muito grave dos ideólogos do comunismo e de quem se agrega a ele, não resistindo à ideia de que possa existir a contribuição de outras partes para a construção da estrutura personológica de quem quer que seja. Isto provoca-lhes um sentimento recalcado de impotência destrutiva/construtiva, em que a atitude alheia os condena a verem, a si mesmos e a todas as suas ideologias como um conjunto de fracassos e fracassados e isto é algo inadmissível. A ideologia que utilizam para apresentarem-se como figuras endeusadas é que, tudo o que fazem é em prol do outro, logo, este outro não pode ter outro alguém que se mostre mais importante que ele; e mais, a devoção deve ser absoluta, porque todos os outros são seus inimigos que, somente desejam explorar-lhe.

Assim que, o problema soviético-comunista com a religião vai muito além da crítica de Marx a ela, quando

afirmou que a mesma era o *ópio do povo*, tendo esta observação muito mais uma condição próxima com uma crítica à postura das religiões diante da opressão que o sistema capitalista impunha a todos e os padres e pastores buscavam fazer com que todos os massacrados pela realidade perversa entendessem tudo aquilo como sendo a expressão da vontade de deus para com o homem, porque os mansos de espírito veriam a Deus e com a sentença [*subreptícia, subentendida*] de que os opressores seriam condenados, isto fazia com que os miseráveis se sentissem aliviados, porque seriam vingados, um dia, por Deus.

Para o *Stablishment Comunista*, não pode haver nada nem ninguém que se ponha além ou acima dele, no imaginário popular. Foi esta mesma vaidade soberba que levou a todos eles, ao redor do mundo à desgraça moral. Não se preconiza um ser vivo que não busque segurança, nos seus momentos mais complexos, em um ser totêmico que encontra-se fora de sua visão, acima e além de seu domínio. Por ser uma estrutura que não se pode concretizar na visão mecânica humana, o que sobra é a fé, aquilo que se vê refletido nas inúmeras construções e realizações e não somente na doutrinação superficial de um sistema, que prega uma coisa e se mostra de modo disforme, como se tudo e todos fossem obrigados a render honrarias a ele, simplesmente porque defende uma ideia de igualdade e assim atua, mesmo sendo esta [*suposta*] igualdade uma utopia distópica.

Infantilismo a ideia de crer que se pode provar a existência ou não de um ser, simplesmente dizendo que quem foi até o extremo não o tenha visto lá. A começar que, tanto pode ter visto quanto pode não ter visto e estas duas situações não provarem nem justificarem, absolutamente, nada, porque em ciência, sem a condição de verificabilidade

e, *a posteriori*, sem a condição de refutabilidade, tudo não passa de delírios, podendo ser aceito ou ainda podendo ser refutado, simplesmente com base na fé. Era esta condição sutil que o Comunismo Soviético e suas formas ideológicas de administração jamais aceitaram como princípio de sua doutrina, taxando tal ideia como coisa de burguês.

Como não existe nenhum sistema perfeito e que consiga atender às exigências particulares de todos, em igualdade [*como bem preconizava os ideólogos do Partido Comunista Soviético*], necessitaram criar um adversário [*um inimigo do povo*], para combaterem e que, vencido este monstro, todos os problemas estariam solucionados. No entanto, enquanto este *terrível, nocivo e assombroso mal*, persistisse ativo, a tão sonhada paz e a igualdade não seria passível de serem implementadas; logo a culpa não é da incapacidade do sistema e sim, dos malvados que impedem a felicidade e a paz na Terra, porque desejam o caos e querem manter os privilégios somente para si mesmos.

O que fazem, de fato, é substituir uma religião por outra e que adere quem quiser, desde que a tenha como objeto único de adoração absoluta e irresoluta, não ficando dividido entre a fé em um sistema e um deus, porque se assim não o for, surge a questão “ou está comigo, ou está contra mim!” De forma que esta frase encerra uma série aguda de segredos que ultrapassam a própria essência que guarda em si mesma, aparentemente ingênua que é. Mais cretino que todo o regime é o desqualificado e mau caráter repórter ou historiador que atribuiu esta frase ao Major Yuri Gagárin, como forma de desqualificar o primeiro homem a voar ao espaço.

Começa-se que, nenhuma culpa pode ser atribuída a ele por ter nascido e ter crescido em um sistema como o Soviético. Uma vez que ali estava cabia-lhe a obediência ao



regime e dedicar-se a ele como patriota. Suas convicções religiosas em nada o impediriam de seguir uma carreira como técnico, engenheiro, astronauta e quando surgiu a oportunidade, sabia bem dos riscos a que estava sujeito, até mesmo pelo fato de não se ter nenhuma experiência anterior sobre a qual fundamentar os testes de segurança, quanto à sua saída da Terra, a segurança no espaço e o retorno à base. Tudo dependia de uma questão de fé na infalibilidade técnica dos engenheiros e dos equipamentos.

É um tanto estranho que um homem de ciência, como o Major Gagárin, pudesse confiar tanto assim nos seus Irmãos e Camaradas Sovietis, sem poder contar com qualquer tipo de fé que estivesse para além de si, porque poderia jamais voltar para casa, como acontece no romance de Julio Verne, *Da Terra à Lua*, que os russos conheciam muito bem. Não se tratava mais de ter fé no Regime ou em seu Líder; a questão era científica, mecânica, empírica, totalmente sujeita a falhas de todas as ordens. O primeiro homem a enxergar o cosmo em maior amplitude já possível a um humano deve ter pensado em uma série de coisas, menos na inexistência de um Criador para algo tão perfeito. Foi ali, naquele instante, que a teoria aristotélica de que a Terra estava escorada sobre pilares foi, literalmente, por água abaixo, porque uma testemunha ocular provou que ela estava flutuando em meio ao nada, no vácuo, junto com outros elementos e astros.

Não precisava ter colocado em xeque a existência de Deus, porque seu testemunho já jogava por terra séculos de crenças absurdas e que foram empurradas guela-abaxo, não permitindo que investigações fossem levadas a efeito durante o período de trevas mais longo da história imposto ao ser humano, em nome de um projeto de domínio que deu

[*muito*] certo. Natural que o Ocidente que se diz cristão elegeisse o Major Russo como seu inimigo mais virulento.

Ademais, se o Major Gagárin estivesse respondendo a uma mera pergunta do Chefe de Estado russo Nikita Khrushchev se, por algum acaso do destino, havia visto Deus lá em cima, no céu, ainda assim não deixa de ter uma aparência de decepção típica de uma criança que foi ao parque e suas expectativas não foram atendidas da maneira como ele as sonhara.

O que mais espanta é o fato de que, como alguém pode afirmar se viu ou não um ente que jamais foi visto por alguém? Isto é muito estranho, porque, para alguém que nem ao menos acredita que determinado Ente, no caso Deus, exista, é muito além do impossível que espere encontrá-lo em qualquer lugar que seja e não somente no espaço, o que somente contradiz o discurso ridículo criado pela Igreja Católica de que Ele estaria habitando nos céus. Fica difícil saber quem está de posse da maior carga de estultícia, uma vez que andam tramando um jogo pueril em que cada qual, a seu próprio modo, tenta impor a sua verdade sobre os outros, não permitindo uma reflexão ampla sobre a fé e a possibilidade ou não de crença no que não pode ser visto, pelo simples fato de que não pode ser determinado. Quando Moisés se coloca diante de Deus e questiona a sua identidade, quem ele é, como se denomina, eis que Deus lhe responde: “Eu sou o que sou!”<sup>6</sup> Com isto, diz-lhe que é Deus; não pode ser visto ou determinado pelas códi­gos semânticos humanos.

---

<sup>6</sup> Êxodos 13-15: Então, disse Moisés a Deus: Eis que quando vier aos filhos de Israel e lhes disser: O Deus de vossos pais me enviou a vós; e eles me disserem: Qual é o seu nome? Que lhes direi? E disse Deus a Moisés: EU SOU O QUE SOU. In: FERREIRA, João Alberto. *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

Na esteira desta afirmação, diz ao profeta que é o deus de Abraão e o deus de Israel, ou seja, era o deus único, o deus particular e o deus municipal do povo hebreu e sua aceitação dar-se-ia pela transmissão cultural, pela fé, pela crença em seu poder e pelos ensinamentos dos pais, dos sacerdotes e dos profetas de Judá, não sendo possível que fosse visto em qualquer lugar e estaria em todo lugar, porque parte essencial da cultura e da crença daquele povo.

Esta é uma condição que o *Politburo* jamais quis entender, tão possuídos que foram pela ideologia marxista de materialismo e foram incapazes de compreender que o próprio Marx acrescentou um epíteto ao termo, chamando-o de *Materialismo Dialético*; ou, buscando uma hermenêutica mais profunda, expressa um objeto que dialoga com os acontecimentos do passado e do presente, possibilitando uma prévia de como se pode planejar as ações para um futuro não muito distante. Em nenhum momento, Marx mostrou-se tão interessado em destruir a religião, porque sabia bem que, sem ela, o que tinha para oferecer, a fim de ocupar o espaço vazio que seria deixado em sua ausência?

Este se mostrou como sendo a grande desgraça da União Soviética, a ideia de acreditar que poderia suprir todo o universo subjetivo intelectual *patológico* que julgava conhecer como aos seus compatriotas com ideias ingênuas de igualdade, esquecendo-se de que, de maneira lógica, tão logo as necessidades básicas dos humanos são satisfeitas outras surgem em seu lugar e a própria religião já havia enfrentado este dilema e, a única forma que encontrou para manter o domínio por mais de mil anos foi com a tortura e o assassinato, estratégias que o Ex-Seminarista Yosef Stálin aprendeu com esmerada eficácia, o que garantiu-lhe chegar ao fim da vida e ter uma morte natural.

Nikita Krushev assume o poder na URSS, como sucessor de Stálin e, parece que a ideia de se ter um cristão no poder durante décadas abriu uma ferida no orgulho soviético que precisava ser negada [*não apenas fechada*], a todo e qualquer custo, o que fez com que colocasse na boca do Major que acabara de ir aos céus a pudica frase que revelava que Deus não fora visto nos céus. A jogada de marketing em favor do Partido Comunista foi a mais bem pensada e bastou que algum jornalista do Partido tentasse provar o pensamento do Líder que, em pouco tempo, a autoria da suposta frase transformou-se em uma verdade inquestionável, chegando aos mais jovens e aos ocidentais do lado Oeste da Europa e do Novo Mundo como tal, preocupados em que todos estavam em defender-se do assombroso comunismo, onde pessoas comiam criancinhas indefesas.

Esta história até que pode possuir seu fundo de verdade, quando Stálin condenou à morte, por fome, todo o povo da Ucrânia e que, em um único inverno morreram mais de um milhão de ucranianos, por falta de comida e no ano seguinte foram mais um milhão. O evento ficou conhecido como *Holodomor* que é um vocábulo, ou uma expressão ucraniana, que quer dizer *deixar morrer de fome, morrer de inanição*. Tal palavra passou a ser empregada no contexto da história ucraniana para definir os acontecimentos que levaram à morte por fome de milhões de ucranianos entre os anos de 1931 e 1933. “Progressivamente, a morte foi se acentuando na Ucrânia. Entre 1931 e 1933, o número de mortos era tão grande que os cadáveres se espalhavam pelas ruas e pelos campos. O odor dos corpos apodrecidos dominava regiões inteiras. Estipula-se que o número de mortos nesses três anos tenha sido de cinco milhões. Porém, se se levar em conta os efeitos prolongados dessa

política econômica perversa e os ucranianos que foram levados ao trabalho forçado e lá morreram, esse número pode ser superior a 14 milhões.”<sup>7</sup> O historiador Thomas Woods reitera esse fato: “*Em 1933, Stalin estipulou uma nova meta de produção e coleta, a qual deveria ser executada por uma Ucrânia que estava agora à beira da mortandade em massa por causa da fome, que havia começado em março daquele ano. Vou poupar o leitor das descrições mais gráficas do que aconteceu a partir daqui. Mas os cadáveres estavam por todos os lados, e o forte odor da morte pairava pesadamente sobre o ar. Casos de insanidade, e até mesmo de canibalismo, estão bem documentados.*”<sup>8</sup>

Toda a insanidade e maldade de Yosef Stálin serviu para assombrar a antiga URSS e a história da Rússia até os dias atuais e naquele momento, em que o primeiro ser humano viajava ao espaço sideral, nada mais oportuno que afastar, de vez, o Deus que o grande ditador acreditava e que não fora capaz de salvar o povo russo de tamanha violência maquinada.

O que não fez sentido é o fato de que um país, declaradamente ateu, servir de tal propósito de discussão sobre a existência de um Ente que, para eles não existe, ou pelo menos arrotavam a sua não-crença no mesmo, o que fica revelado que sua exasperação em negar a existência de Deus ou era estultícia pura ou era medo do poder que a religião exercia sobre os mortais. O exagero de força que se faz nesta direção é uma demonstração aberta de que, o interessado a ser convencido desta verdade particular é, se

---

<sup>7</sup> FERNANDES, Cláudio. *Holodomor*. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/holodomor.htm>. Acesso em 01/01/2020.

<sup>8</sup> WOODS, Thomas. *A fome na Ucrânia: um dos maiores crimes do estado foi esquecido*. Instituto Mises Brasil.

não, o próprio Partido Comunista e o Politburo e não necessariamente, o povo soviético que, ao que se deixa transparecer não enfrentava muitos problemas neste sentido e até mesmo porque tinha inúmeros outros problemas com que se preocupar, como a fome e a miséria absoluta que assolava a [quase] todos, sem a menor piedade.

Não estranha que os Chefes de Estado Soviéticos procurassem fazer tamanho malabarismo e aproveitar de uma situação inusitada e até aquele exato momento e que se estenderia por quase uma década, eles seriam os únicos a explorarem o espaço sideral através de seres humanos. Interessante que Valentina Tereshkova (1937-), a primeira mulher a voar ao espaço, em 1963, não fez qualquer comentário neste sentido, até mesmo porque aí a disputa já era em outro sentido, tratando-se de uma guerra de egos, em que se buscava aguilhoar o discurso de liberdade e de liberalidade que desfrutavam as mulheres americanas e que, a despeito de toda esta arrogância, o que tinham a mostrar como feito fantástico? Foi assim que Krushev arpoou novamente o ego norteamericano.

As disputas internas da União Soviética eram bem mais complexas que se supõem os poetas apaixonados por poesia medíocre, onde se exalta um regime que nunca foi soberano nem mesmo no bloco onde se supôs soberano absoluto. Assim, para demonstrar superioridade ideológica precisava sempre realizar algo extraordinário do ponto de vista histórico, mas sem a mínima relevância social, porque isto ajudava a desviar o foco do fracasso doméstico como políticos, gestores e como seres humanos decentes.

Carl Sagan (1934-1996) escreveu em 1989 que, a ida do homem à Lua não representou qualquer tipo de relevância para a humanidade e o presidente Richard Nixon (1913-1994) encerrou o *Projeto Apollo*, porque a opinião

pública e o Congresso Norteamericano não estava vendo qualquer motivação em continuar financiando algo que não tinha outro propósito que o de lançar uma cortina de fumaça sobre as reais condições existenciais humanas, que era de insegurança e de medo e, enquanto os *soviets* mostravam sua capacidade de superação sobre o terrível imperialismo capitalista, do outro lado do mundo, os norteamericanos mostravam sua resistência ao *terror*. Não se sabe quem era mais imbecil ou quem agia de modo de mais imbecilóide. O que se sabe é que, nos EUA, como era uma democracia, cedo cedo chutaram o rabo dos gladiadores da luta contra o Monstro Soviético, porque o espetáculo de emoção que tomou as televisões do ano de 1969, foi de fato, o festival de música que ocorreu na Fazenda Woodstock, em Nova York e que ficou conhecido como *Woodstock 1969*.

Com toda a revolução que a *Ida do Homem à Lua* possa ter provocado, o mundo continuou mais violento e mais cretino, com a miséria se elevando, a Guerra do Vietnã consumindo jovens americanos como moscas em teia de aranha ideológica e, o ser humano, através de sua ciência ultra avançada havia conseguido explorar os céus, mas não se conseguiu encontrar curas ou vacinas para doenças como o sarampo alemão, a poliomelite, a coqueluche, a difteria e a crupe e outras mais, muito menos qualquer tipo de conhecimento efetivo e tangível sobre o cérebro e seu funcionamento e o que mais assombrava era o fato de que, se Deus não estava lá nos céus, onde estaria? E, tal pergunta se faz por causa da vergonhosa guerra que se travava na Ásia, contra os comunistas? Não; em absoluto! Porque havia um motivo justo para aquela batalha inglória: a preservação da liberdade que estava sob grave ameaça e, como não se tinha adotado, ainda o jargão da Democracia,

era ela quem estava sob risco, caso os *soviets* tomassem o controle do mundo.

“Fui ao céu e não vi Deus lá!” Quanto poder teve esta fala saindo do espírito de alguém que acabava de desbravar o espaço sideral. A esperança egocêntrica dos que aqui ficaram acabava de sofrer outro duro golpe; mais uma vez. Esta é uma crença pueril se assim for considerada! A julgar pelo que havia sido dito pouquíssimos anos antes, em meados da década de 1950, quando Francis Crick (1916-2004) e James Watson (1928-) apresentaram a descoberta da estrutura helicóide do DNA: “Pensávamos que o nosso futuro estivesse nas estrelas, mas agora sabemos que a maior parte dele está dentro de nossos genes.” Esta foi outra ode ao antropocentrismo exacerbado.

Bem, se toda a aventura por continuar a explorar o espaço sideral não representa uma negação clara da ciência erudita e séria, só pode ser uma cortina de ferro para esconder a incapacidade de conhecer o espírito humano [*prefiro acreditar que é as duas coisas*]. Mas, a frase expressa pelo Presidente Soviético esconde algo muito mais sinistro que Fiódor Dostoievsky (1821-1881) já havia expressado em seu inigualável trabalho literário *Os Irmãos karamazovi*, a sentença de que já que Deus não existe, então, tudo se torna permitido. Lógico que esta frase é expressada dentro de um contexto lírico-poético; no entanto, quando tomado em meio ao desejo de construção de um contexto maquiavélico, ou seja, nós, aqueles que detemos *todo* o poder em nossas mãos podemos fazer o que quiser, porque não existe ninguém que possa nos impedir e/ou punir pelo que viermos a *realizar*.

Todos os holofotes foram direcionados, pela história caquética e imbecilóide, sobre a figura do Major Gagárin e o verdadeiro monstro terminou obscurecido, para seu inteiro



deleite da situação, porque, mesmo que isto não tenha provocado abalos na fé expressa de muitos cristãos, o simples fato de esta frase ser repetida à exaustão, depois de seis décadas e tema de estudos profundos, mostra que, na própria União Soviética, muitos indivíduos devem ter ido à loucura, à negação e ao suicídio, não tanto, pelo medo de que Deus, realmente, pudesse não existir; mas, porque, de um modo inconsciente, eles entenderam a mensagem do Ditador.

Uma frase nunca é apenas uma simples frase! É, e será sempre a expressão do sentimento oculto de alguém, revelando uma mensagem subliminar, dirigida a um grupo específico. Não faltam aqueles que dizem que, muitas frases históricas representaram nada mais que meras expressões retóricas, eufemismos e coisas sem nexos causais. Ocorre que o peso e a potência de uma determinada frase estão em quem a expressa, não importando [*ou sendo muito pouco importante*] o contexto onde se aplica. As coisas ficam mais severas se, quem a diz estiver a ocupar um cargo de poder elevado e, para piorar ainda mais o que pode sempre piorar, se suas decisões tornam-se absolutas e inquestionáveis, seja por medo ou por conveniência.

O momento histórico em que a frase, objeto de estudo neste trabalho, fora proferida é um destes raros momentos em que até o contexto contribuiu para provocar um alvoroço de terror e horror que persiste pela história afora. Enquanto as expressões de grande impacto estiveram no campo da literatura e depois de quase dois milênios de imperialismo absoluto do Cristianismo Institucionalizado, o homem estaria mais distante de sua fé que de quando o era em seus tempos de paganismo, como se gosta de arrotar os devotos imbecilizados pela doutrina Católica.

O Século XIX foi o que mais assistiu ao grande declínio da fé cega institucionalizada; aquela onde tudo aquilo que era considerado e validado como sendo a *verdade* era determinado pelo *stablishment* religioso. Não foram apenas os grandes gênios que tiveram espaço para publicar, de maneira mais ampla [*ou menos restrita*], suas ideias, mas teve que conviver com o avanço da *Revolução Industrial*, uma extensão da Revolução Protestante, de 1517 e do Luteranismo. No entanto, por ironia, o leste europeu, o que se considerava mais negador da fé cristã e divina seria quem repetiria o feito de Constantino, elegendo um novo profeta sobre as obras do qual viria a erguer-se uma nova doutrina religiosa, tão ou mais sangrenta que o próprio Cristianismo: O Marxismo. E, os fanáticos, não satisfeitos com os resultados acrescidos pelo domínio da vaidade extrema, acrescentaram outras religiões, não se sabendo quais delas mostrar-se-iam mais satânicas, a elencar, o Leninismo e o Stalinismo.

O problema com todas estas religiões artificiais é que, pregam a igualdade e o direito universalizado, mas falam apenas na primeira pessoa, privando o outro da luta pelo resultado e de uma educação de seus filhos e da geração que os sucederá como um processo inerente ao desenvolvimento e preservação da espécie, uma obrigação conferida ao homem pela própria *Physis*; daí a sua imensa felicidade quando os filhos chegam; daí a imensa felicidade do professor quando novos estudantes chegam em busca de formação intelectual e assim, se sucede com o Pastor, o Padre, o Sacerdote, em que cada qual, a sua maneira, recebeu um motivo para viver eternamente, vinculado a alguém que, de um modo natural, viverá para além de si.

Quando se priva o homem de Deus, ou mesmo da crença em sua existência, o que ele colocará em seu lugar?

Esta era a crença do Partido Comunista, a de que eles seriam aqueles que seriam exaltados e postos no lugar do Altíssimo pelo próprio indivíduo, por sua vontade deliberada, uma vez que eles, os Comunistas estavam dando aos seres aquilo que a Divindade não havia proporcionado, mas que faziam jus, a igualdade irresoluta. Ocorre que, se ninguém lhes dissesse que detinham direitos, viveriam felizes com suas batalhas contra os concorrentes naturais, sempre em paz com suas condições de miséria e, à medida que o mundo avançasse em suas condições civilizatórias e de esclarecimento, iriam buscar por tais melhorias, não como algo a ser conquistado pela força, mas pela coragem de desejá-la e de lutar por ela.

O Major Gagárin era um homem de princípios, um técnico e não um mero político do clero Politburo, o que já assegura deduzir que não atuaria de forma a destruir a fé de pessoas de bem, até mesmo porque não veria lucro algum nisto. Havia quebrado um *tabu* milenar e realizado um desejo de bilhões de indivíduos ao longo de toda a história da humanidade. Que mais poderia desejar para si, além de uma vida normal e tranquila?

Imputar-lhe, uma frase de tamanha envergadura e peso foi o pior crime cometido pelo Presidente russo contra um civil, não pelo impacto que causou sobre si, mas pela imagem de si que seria projetada sobre o futuro e o peso que isto teria sobre as gerações posteriores. Mesmo que se interessem em saber como é o espaço visto a partir de lá, a ideia de que foi ele quem afirmou não *ter visto Deus lá em cima, nos céus*, pesa sobremaneira e não dissipa a dúvida e, eufemismo religioso à parte, destruiu todo um discurso religioso que tinha como missão mais sagrada propagar o engodo e a enganação sobre os indivíduos e levá-los a uma vida sustentada na miséria e na exploração.

O mundo da fé jamais foi o mesmo depois desta frase. Nem mesmo grandes filósofos de épocas passadas [*em sua maioria esmagadora, padres e pastores, portanto, teólogos de formação*] que lutaram com as forças que tinham para abalar a fé esdrúxula implantada pela Igreja Católica obtiveram a mínima parte de êxito que obteve um político comunista de um regime satânico e cruel, ao colocar na boca de seu maior prodígio a dúvida sobre a existência de Deus, onde sempre disseram que estaria...

Nada de errado que o ser humano busque conhecer outros universos para além do seu, isto é parte do processo de desenvolvimento da condição de intelectualidade e junto com ele, advém a dúvida e a curiosidade [*nesta sequência*], mas, o que se nota é que aquilo que deveria ser tomado como meio, torna-se fim... para qualquer coisa, menos para ampliar a condição de bem-estar dos humanos.

Os antigos criaram totens e imagens e definiram que o Deus particular ou o Deus Municipal estava ali e ninguém ousou adentrar nestes instrumentos a fim de provar tal coisa, porque a crença naquele ser representava toda a crença individual e coletiva. O homem moderno, com sua toda sua engenharia e eufemismo, para não fazer referência à sua insegurança e à sua vaidade exacerbada levaram-no a entrar em conflito com a religião, até mesmo dentro de suas congregações mais tradicionais.

As descobertas científicas, conduzidas por homens sérios e comprometidos com o rigor investigativo, foram destronando a religião de seu eixo imaginário, e, junto com ela o conceito de Deus colocando em xeque sua existência no cosmo. Aquilo que no passado era explicado pela fé foi substituído por tubos de ensaio e demonstrações bastante palpáveis de como repetir o feito artificialmente. A religião nunca tentou combater o socialismo por causa dos males e

da opressão que causava nos indivíduos; mas, puramente, porque a privava de suas ovelhas miseráveis as quais ela cuidava de tratar com as menores migalhas possíveis de esperança. Se a aversão da Igreja fosse contra o socialismo não teria ido contra o *Welfare state* que é de ideologia e criação do sistema de direita capitalista, posta em favor dos menos favorecidos que se encontravam em situação de miséria absoluta por causa da guerra.

Por causa deste posicionamento contrário da Igreja que nasceu rixas entre os governos socialistas e a religião, levando-os a negar todo e qualquer tipo que fosse de crença. Ao que deixa transparecer é o fato de que ela teme a suposição de que toda a utopia que este regime pregava pudesse ser verdade e assim, toda a miséria e pobreza absoluta desapareceriam, fazendo surgir o tão sonhado reino da bonança, uma vez que a única coisa que ambos os sistemas confluem bem é para a manutenção do reino da esperança e parafraseando o Doutor Estranho, *de todos os males que podem acometer o ser humano de morte, a esperança é o pior* e Nietzsche revela que a Esperança é o pior de todos os males, porque ela prolonga os sofrimentos humanos.<sup>9</sup>

Segundo o Coronel Valentin Petrov, o Major Gagárin foi batizado em uma Igreja Cristã Ortodoxa Russa. Portanto, uma criança que nasce ouvindo que Deus está no céu, acima das nuvens, que este não habita no vazio e quando, por uma força humana, esta criança chega lá no alto, ultrapassando as mais altas nuvens, a sua decepção começa pelo fato de que não enxerga nada mais além do que o vácuo extremo (...); e, logo em seguida, contrariando, ainda mais suas vãs expectativas não vê Deus. Quanta decepção! A sua fala expressa mais um sentimento de um

---

<sup>9</sup> NIETZSCHE, F. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Escala, 2006.

adolescente quando descobre que o pai não é o super-homem com o qual ele sempre sonhou e acreditou que podia contar nas suas horas de perigo. Fora criado em um regime ateísta e, possivelmente por isto, aprendeu a desprezar qualquer tipo de crença no invisível, naquilo que não podia ser, empiricamente, comprovado. Diferentemente do que alguns dizem que desprezava qualquer tipo de crença religiosa, vejo sua expressão mais como a comprovação de uma dúvida de que tentaram imputar-lhe e que agora esfacelava-se ante todos. A frase que ouviu todos os domingos de que Deus estava lá no Céu, perdeu completamente seu sentido e tornou-se desprovida de valor. E, o que pode ser colocado em seu lugar? Esta é a grande questão que assusta aos indivíduos que se tornam ateus [*ou ao menos creem neste conto do vigário*]. A pergunta de Nietzsche continua a assombrá-los, como a um terrível amálgama: *Como se vive sem Deus?* Não há resposta para este questionamento e, por vezes, o que se escuta é: *continua-se a viver, como se vive naturalmente!* Resposta esta que permanece em meio a um dar de ombros. Mas, eis um outro problema muito mais complexo que é o de que, para se viver naturalmente, há que retornar à *Physis*, negando, assim, não mais a Deus, mas à civilização como tal, o que conduz o ser humano a uma situação como que, a um *beco sem saída existencial*.

Esta perda da condição espiritual humana, tal e qual a conhecemos é um golpe duro demais para um espécime que já vem ao mundo cercado por inúmeras pessoas que sorriem de felicidade com a sua chegada, como se ele fosse o grande responsável por trazer um tipo especial de alegria que a nenhum outro caberia tal missão. De repente, todo o mundo se vira do avesso e não existe mais nada que possa

proporcionar alegrias, nem a si nem a ninguém e o que resta é pura infelicidade e angústia.

À pergunta de Nietzsche, cabe uma resposta no formato de outro questionamento: Não seria uma indagação sobre como viver sem fé?, pelo simples fato de que esta se estende a tudo e a todos e não somente ao sagrado ou ao Divino, ao nume, como uma experiência que se vive, que atravessa o ser humano para que tenha algum sentido; é um ato de encontro do ser com o seu ser, permitindo que encontre um objetivo para continuar na batalha, uma batalha chamada vida, chamada existência.

O mais grave problema que toma conta do espírito humano, desde tempos imemoriais, é a sua vaidade e a sua impossibilidade de lidar com a tão temida brevidade da vida, confundindo-a com existência. Geralmente, em tempos não insanos e geridos por insanos, a geração que está no comando trabalha para que a próxima geração seja melhor que a sua, que produza resultados de melhorias dos benefícios que foram produzidos e que, acima de tudo, mantenha o respeito por aqueles que os precederam. Na atualidade, não interessa o que ocorra, a corrida é por estar na primeira página dos jornais, como se isto fosse história e, no dia seguinte, lutar para estar na primeira página do jornal novamente, porque até o conceito de história deixou de ser aquele fundamentado na Função Quadrática da Distância de Brunner; tudo é dado em função do aqui e do agora. Nisto, a ideia de futuro vai desaparecendo progressivamente e junto com ela, obviamente, o compromisso com ele, na mesma proporção.

Fica difícil traduzir o pensamento de Kruschew ao dizer tal coisa e ainda atribuir a alguém que não poderia sequer se defender. Pela defesa prestada por seu amigo, décadas mais tarde, tal afirmação incomodou ao Major, até

mesmo porque deve ter se sentido muito cobrado por seus companheiros [*tanto por aqueles que criam na existência de Deus, quanto por aqueles que não acreditavam*] e isto, de alguma forma o perturbou, sem que pudesse expressar abertamente sua insatisfação com a situação.

O regime soviético foi um sistema cruel que não perdeu a menor nem qualquer oportunidade para explorar o que lhe interessasse. Ética é uma coisa que aboliram de suas cartilhas e o desejo de domínio absoluto sobre tudo e todos tornou-se a bandeira de comando ou a figura de proa que comandaria o mundo de aí por diante. A existência ficou resumida a isto, a uma batalha binária, em que de um lado, um bando de imbecilóides tentavam implantar o reino do Éden na Terra, lutando contra o imperialismo produzido pela existência do Capital e o que se preconizou chamar de conservadorismo e de outro lado, não menos cabeça de bagre, preconizou-se uma luta contra o terror, combatendo o Comunismo, um sistema que pregava a igualdade para todos, indistintamente.

Não é preciso dizer que isto desagradou a todos e não foi pelo fato de que isto tomaria de quem tem mais para conceder a quem tem menos; algo mais terrível se fez nascer, o direcionamento da política em que se tomava a liberdade de se aventurar na ampliação dos negócios, cerceando o direito de angariar novas formas de execução dos negócios e investimentos intelectuais. De outro lado, tem-se aqueles que passam a esperar do Estado qualquer tipo de ajuda e em pouco tempo passam a exigí-la e se isto não acontece se rebelam, não faltando quem diga que eles estão de posse do direito legítimo, por causa de uma série de fatores que são expostos...

Em nenhum lugar das Escrituras Sagradas está dito que haverá glória sem luta. O homem luta, diariamente, com



a natureza e todos os seus componentes, a fim de extrair dali o seu sustento e mesmo o seu lucro que advém da venda deste excedente para aqueles que estão em funções que não os possibilita a produção de alimentos. Todo este ciclo interminável é regido por uma força invisível aos olhos humanos, estando presente antes, durante e persistirá depois que a espécie humana deixar de existir, condição impossível, mas hipoteticamente cogitada.

Mesmo que a *Physis* seja violenta e imponha ao ser humano diversas crises fenomenológicas de ordem natural, estas que ceifa uma boa quantidade de vidas, ela mesma não impede que se criem alternativas e estratégias para superar os desafios que aparecem a cada estação. A cada crise enfrentada, o intelecto se põe em ação e o resultado é a inteligência abstrata sendo declarada na forma de novas habilidades e competências.

A religião comunista impõe uma desgraça sobre os indivíduos a quem chamam de camaradas, companheiros, irmãos e ao mesmo tempo os impede de buscar uma solução e quem ouse fazê-lo é exterminado sem a menor piedade; tudo em nome de um ideal de igualdade coletiva, não de igualdade social.

A educação religiosa, através da qual inculcam nos seres humanos, desde o nascimento, transforma-os em criaturas concretas, incapazes de entender Deus como essência, expressão esta, também entendida sob a direção do pensamento de M. Heidegger, que se trata do movimento dialético. Mesmo para o intelectual do século XXI, é-lhe impossível tecer uma experiência espiritual direta com o divino. Na escola, de segunda a sexta, as crianças escutam que tudo foi criado por um Deus e isto é fato consumado, porém, ninguém provou tal e, como as crianças estão neste período na letargia intelectual é melhor escutar, acreditar e

tocar a vida para frente, afinal, nasceram em um período de relativa paz, onde ninguém morre por crer nestas coisas. A doutrinação desde o berço o faz necessitar de um contato real, por isto, o pastor e/ou o Padre serem detentores de tamanho poder sobre os seus rebanhos. A proibição do questionamento, objeto pacífico de punição severa, da mesma que a dúvida é interpretada como blasfêmia, objeto para o qual não existe perdão, transforma em covardes aqueles que poderiam ir além das fronteiras do saber no futuro. Com isto, condena o futuro de toda a humanidade a ser administrado por glutões e velhacos, quando não por covardes que nada mais faz que gerir pela imposição do medo sobre todos, sempre buscando respostas fáceis para os problemas que surgem ao longo da existência.

Gagárin fora um cristão, batizado na Igreja Cristã Ortodoxa Russa e um amigo pessoal do jovem disse que ele jamais proferiu tal frase; pelo fato de ser um indivíduo religioso. Este detalhe de sua vida é o que reforça, confirma e valida a expressão dita. Afinal, somente um homem muito religioso e de grande fé, poderia ter dito tal coisa porque o que os fanáticos religiosos mais esperam é que aconteça-lhes uma experiência que os coloque em conexão direta com o sagrado. E o fanatismo é diretamente proporcional à ausência de fé! Ou seja, à medida que esta decresce, aquele eleva-se [*quase*] ao extremo da loucura obsessiva. O desejo insano de que ocorra-lhe uma revelação é *por si só*, uma prova concreta de sua dúvida acerca da existência de um ser, por ele, divinizado. Por este simples motivo, viverem mergulhados na culpa, uma que vez que não é o pecado que faz nascer a culpa, mas antes esta que, para justificar-se, cria a noção daquele. Afinal, um é a razão direta da existência do outro, porém, um deles tem que vir primeiro e, desta forma, o ciclo vicioso da neurose obsessiva da culpa

faz o indivíduo profanizar suas ações, simplesmente, com a finalidade de caracterizar o que sente e assim justificar tal sentimento.

Portanto, a defesa que apresentamos até aqui e que a pesquisa revelou como sendo uma premissa verdadeira, de que não fora o Major Gagárin quem expressou a frase objeto de estudo neste trabalho, não foi pelo fato de crer que o astronauta fosse religioso, mas antes, pelo fato de que isto soava tão irrelevante para alguém que acabara de tornar-se uma lenda viva que não fazia sentido uma provocação deste quilate com relação à fé alheia. E mais, um oficial educado no regime militar soviético aprende, antes de mais nada e acima de tudo, a ter respeito e a ser comedido em suas ações e palavras. Não é o tipo de atitude que esta frase expressa!

Toda estrutura que não possui um rigoroso controle sobre si acaba, por tornar-se despótica e arbitrária. Com a religião não foi diferente... Quando surge, o faz como um meio, um caminho para que o homem usasse como ritos, frases, libações, cantos, tudo isto com o intuito de ligar-se, uma outra vez mais, ao invisível e este pudesse fazer-se visível por meio de uma resposta, que era esperada pelo indivíduo suplicante. Em nenhum momento, em sua gênese, esteve inscrito, em alguma tábua da lei que seu uso teria como fim último, a dominação, a escravidão, a subjugação. Isto adveio oriundo do sentimento mesquinho humano que passou a sentir prazer naquele tipo mórbido de poder que a credence e a superstição popular passou a atribuir ao sacerdote, que passou a se intitular como o representante direto de Deus na Terra e, mais tarde, assumiu-se como o próprio Deus na Terra.

E não foi a fé do sacerdote que o fez todo-poderoso, antes foi a fé popular, por meio de um poder imputado pela

fantasiosa mente coletiva, que, aos poucos a fez crer que, realmente, aquela figura patética detinha tal poder. Como este indivíduo passou a deter um real conhecimento dos ciclos da natureza, impressionar o povo e elevar-se à condição de deus foi coisa [*quase que*] ridícula. Teatralizou-se em meio a raios e trovões e isto fez com que fosse temido e não mais adorado por seus seguidores e o passo seguinte foi fazer com que outros o adorassem, através da força e da violência bruta desmedida. Em suma, o que era para *re-ligar* o ser humano ao sagrado passou a afastá-lo e a aproximação tornou-se um eufemismo, uma mentira e um jogo de poder abjeto.

Eis que, o problema não está na religião em si, está nas pessoas que dizem representar o ser divino na Terra; porque uma vez imbuídos de um poder extremo, não há sensor que seja capaz de deter sua ganância que torna-se esquizofrênica, demente e insaciável. No início de seu ato, a obediência, *in contesti*, do rebanho, extasiaram-no. Mas, com o tempo isto já não se mostra suficiente e assim começa a ter necessidades de testar sua força cada vez mais em campos mais amplos e o medo generalizado acede, o que leva a um estado de desequilíbrio tal que a solução torna-se [*quase*] impossível, aliada ao grave problema que o êxtase orgástico que a exibição deste poder insano exerce sobre a mente pouco questionadora da população. Os sacerdotes viram este tipo de poder ser conferido às feras bestiais e o quiseram para si... e conseguiram!

Para a opinião pública, o Major Gagárin disse: “Eu estive no céu e não vi Deus lá!”<sup>10</sup> Heródoto poderia responder-lhe que não o viu “porque, dominados pela sorte, estão os deuses tão alto que podem deixar ao homem, livres

---

<sup>10</sup> Gagárin, Yuri (1934-1968). Astronauta russo. A frase foi dita por ele, em 1961.

as mãos e o pensamento”<sup>11</sup>, entendendo com esta árdua expressão, a imaginação. Logo, imaginam que Deus esteja no céu.

Quando a Igreja Católica coloca Deus nos Céus, acima das mais altas nuvens, o fez porque jamais pensou ser possível que, algum dia o ser humano pudesse chegar até lá. Os gregos colocaram os seus deuses no Monte Olimpo e em determinada época os gigantes da Terra escalaram o monte e tentaram tomar o poder pela força bruta. A fim de evitar o mesmo desastre, haveriam de colocá-lo em um local, eternamente, inacessível ao homem. E não é que deu errado! Funcionou até o primeiro homem chegar até lá!

---

<sup>11</sup> En lo original: Afortunadamente, pues, están los dioses tan alto que dejan libres al hombre las manos, y el pensamiento (HERÓDOTO, 2006, p. 06).



ISBN 978-658510105-9



9

786585

101059